



TRADUÇÃO - TRANSLATION

Plínio, o Velho e o estudo das aves

Lilian Al-Chueyr Pereira Martins¹

Professora do Departamento de Biologia
Universidade de São Paulo

Pedro de Lima Navarro²

Doutorando em Biologia Comparada
Universidade de São Paulo

Como citar este artigo: MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; NAVARRO, P. L. “Plínio, o Velho e o estudo das aves”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº13, pp. 196-216. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

Resumo: Uma das poucas obras preservadas de Gaius Plinius Secundus (23/24 A.D.-79 A.D.), mais conhecido como Plínio, o Velho, é *Naturalis Historiae* (“História Natural”), composta por trinta e sete livros que tratam de diversos assuntos, incluindo os animais. No Livro X dessa obra, o autor discute sobre a natureza das aves. O presente trabalho consiste em uma tradução comentada dos primeiros três capítulos desse livro em que ele aborda o avestruz, a fênix e a águia. Essa pequena amostra dá uma ideia do estilo de Plínio e de sua metodologia, que são bastante diferentes dos adotados nos estudos sobre animais de outro autor da Antiguidade, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Inicialmente, apresentamos Plínio, o Velho ao leitor, dando algumas informações sobre sua vida e obra. A seguir, damos alguns detalhes sobre a tradução e finalmente, apresentamos a própria tradução.

¹ Especialista em História da Ciência, Mestre e Doutora em Ciências biológicas na área de Genética pela UNICAMP, com Doutorado Sanduíche na Universidade de Cambridge, Reino Unido. Dedicou-se à História e Filosofia da Biologia e suas interfaces epistêmicas. Atualmente é Professora Associada do Departamento de Biologia e Programa de Pós-Graduação de Biologia Comparada na FFCLRP- Universidade de São Paulo.

² Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é estudante de doutorado direto no Programa de Pós Graduação em Biologia Comparada (FFCLRP-USP) e integrante do Laboratório de História e Teoria da Biologia (LHTB).

Palavras-chave: História dos animais. Antiguidade clássica. Tradução científica.

Pliny, the Elder's studies on birds

Abstract: One of the few preserved works by Gaius Plinius Secundus (23/24 A.D.-79 A.D.), best known as Pliny, the Elder, is the *Naturalis Historiae* (*Natural History*), composed of thirty-seven books that deal with different subjects, including animals. In Book X of this work, the author discusses the nature of birds. The present work consists of a commented translation of the first three chapters of this book in which he deals with the ostrich, the phoenix, and the eagle. This small sample gives an idea of Pliny's style and methodology, which differs significantly from Aristotle (384 BC-322 BC), another author from Ancient Age, adopted in his studies concerning the subject. Initially, we introduce Pliny the Elder to the reader, giving information about his life, work, and context. Next, we provide some details about the translation, and finally, we present the translation itself.

Keywords: History of animals. Classical Antiquity. Scientific translation.

Introdução

Gaius Plinius Secundus (Caio Plínio Segundo) (figura 1), mais conhecido como Plínio, o Velho (23/24 A.D.-79 A.D.) nasceu no Império Romano quando Tiberius Caesar Augustus³ governava. Não há um consenso sobre o local exato de seu nascimento: Verona ou Novum Comum (atualmente, Como). Pouco que se sabe sobre eventos particulares de sua vida. Contudo, o relato de seu sobrinho Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 A.D.-112/113 A.D.), conhecido como Plínio, o Moço (figura 2), traz algumas informações a esse respeito (MASON, 1849, pp. 414-415).

³ Segundo imperador de Roma, entre 14 e 37 A.D.

Figura 1: Gaius Plinius Secundus (Plínio, o Velho)



Fonte: Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pliny_the_Elder.png>

Figura 2: Plínio, o Moço



Fonte: Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Pliny-the-Younger#/media/1/464843/129207>>

Proveniente de uma família abastada, Gaius Plinius Secundus mudou-se para Roma, quando era jovem. Após concluir seus estudos de retórica e

gramática, sob a patronagem do Publius Pomponius Secundus⁴, por volta de vinte e três anos, foi nomeado comandante de uma tropa de cavalaria e permaneceu em campo entre 47 e 59 A. D. Serviu em diversos pontos das atuais Alemanha e Bélgica e desenvolveu a prática da escrita. Durante esse período, escreveu a memória intitulada *Jaculatione equestri* (“Tiro dos cavaleiros”), sobre o uso do dardo por cavaleiros e começou a escrever sobre a história das guerras de Roma contra os povos germânicos (*Bella Germaniae*), que concluiu mais tarde. Durante sua permanência no exército teve contacto com Titus Flavius Vespasianus⁵ (39 A.D.-81 A.D.), mais tarde imperador romano conhecido por seu apoio à ciência (MASON, 1849, p. 414), tornando-se seu amigo.

Durante a maior parte do período⁶ em que Nero (37 A.D.- 68 A.D.) foi imperador, ao que tudo indica, Plínio permaneceu na região em que nasceu. Provavelmente pensando na educação de seu sobrinho, compôs o trabalho *Studios* (“Estudos”) em que tratou do treinamento de um jovem orador para entrar na vida pública. Mais para o final do reinado de Nero, ele escreveu um trabalho sobre gramática intitulado *Dubius Sermo* (“Discurso duvidoso”) e foi indicado para atuar como procurador na Espanha. Foi nessa época que seu irmão faleceu e ele ficou encarregado da educação de seu sobrinho Plínio, o Moço. Plínio retornou a Roma no reinado de Vespasianus (9 A.D.- 79 A.D.), adotou seu sobrinho e começou a estudar durante a noite à luz de velas (MASON, 1849, p. 415). Os momentos que não eram dedicados aos seus deveres para com o Império, eram devotados ao estudo. Ele lia muito ou tinha alguém que lesse para ele. Quando surgia algum assunto de seu interesse, ditava partes dele para um escriba (MURPHY, 2004, p. 3).

Durante a gestão de Vespasianus, Plínio, o Velho, dedicou-se ao estudo da jurisprudência. Atuou algumas vezes como requerente, mas não obteve destaque nessa função. Ocupou uma série de cargos em diferentes províncias o que possibilitou que ele conhecesse várias regiões do Império Romano. Quando ocorreu a erupção do Vesúvio em 79 A.D. (figura 3), que ocasionou a

⁴ Poeta, oficial militar e senador

⁵ Titus era filho do futuro imperador Caesar Vespasianus Augustus (9-79 A.D.) que reinou entre 69 e 79 e a quem ele veio a suceder entre 79 e 81 A.D.

⁶ Nero reinou de 54 A.D. a 68 A.D., quando se suicidou.

destruição de várias cidades romanas como Pompéia, Plínio comandava uma esquadra em Misenum⁷ (MASON, 1849, p. 415; SANDYS, 1911, p. 642; HEALY, 2004). Foi nessa ocasião que ele faleceu.

Figura 3 Misenum e a Baía de Nápoles em 79 A.D., por ocasião da erupção do Vesúvio. A nuvem negra dá uma ideia de como as cinzas e pó se espalharam.



Fonte: Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3f/Mt_Vesuvius_79_AD_eruption.svg

Uma das versões sobre as circunstâncias em que ocorreu a morte de Plínio é que ao ver a nuvem gerada pela erupção do Vesúvio, ele decidiu examinar o fenômeno natural juntamente com um pequeno grupo. Contudo, antes de zarpar, teria recebido um pedido de resgate vindo da cidade de Stabiae⁸ (figura 4), o que o teria levado a organizar uma esquadra maior com a missão de salvar os cidadãos romanos que viviam do outro lado da Baía de Nápoles. Ao chegar lá, ventos teriam impedido o regresso dos navios a Misenum. A morte de Plínio durante esse episódio é comumente atribuída ao sufocamento por gases tóxicos provenientes do vulcão (Mason, 1849, p. 415). Estudiosos como Adrian Nicholas Sherwin-White (1966, p. 374), por exemplo, concordam com essa explicação. Contudo, Conway Zirkle, considera que ela não está de acordo com os relatos do acontecido e que um ataque cardíaco ocasionado pela saúde ruim de Plínio aliado ao *stress* causado pela situação, seria uma *causa mortis* mais provável (ZIRKLE, 1967, p. 553). Outros, como

⁷ Misenum era um importante porto na época. Plínio, o Moço, vivia nessa cidade na época da erupção do Vesúvio.

⁸ Antiga cidade da Magna Grécia, situada próximo a Pompeia e a cerca de 16 Km do Vesúvio que também foi destruída durante a erupção em 79 A.D. Atualmente corresponde a Castellamare di Stabia, província de Nápoles.

Miko Grmek (1987, p. 42) também são adeptos da teoria do ataque cardíaco. Porém, de acordo com Francois P. Retief e Louise Cilliers (2006, p. 112), a morte de Plínio teria sido ocasionada por uma broncoconstrição decorrente de uma crise de asma crônica de que ele, sofria, de acordo com as informações apresentadas por seu sobrinho.

Figura 4: Pintura em mural representando Stabiae no século 1 A.D.



Fonte: Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/88/Wall_painting_from_Stabiae%2C_1st_century.jpg

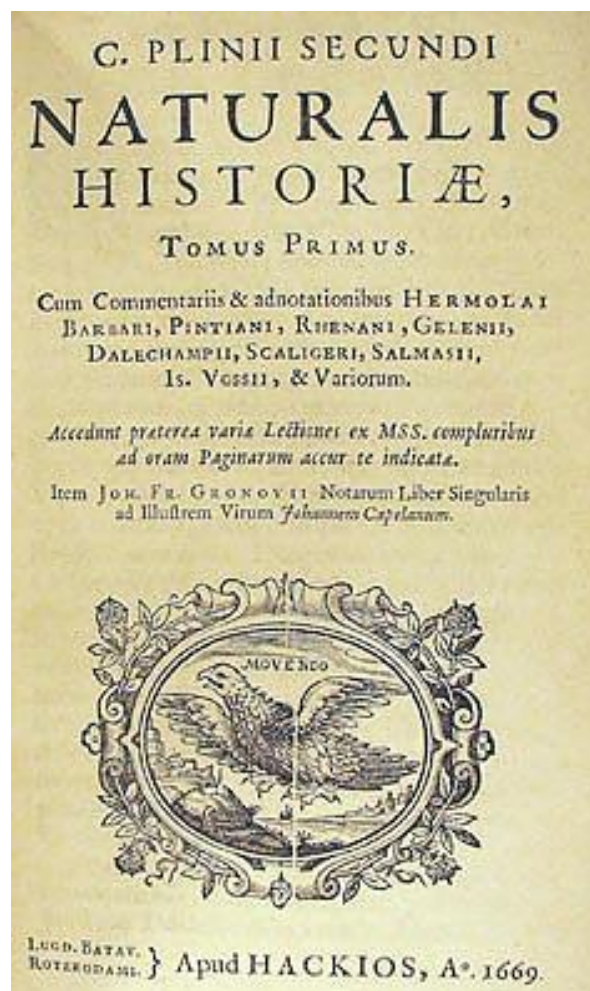
Apesar de ter escrito obras como *Bella Germaniae*, utilizada como fonte por Plutarco (46 A.D.-120 A.D.), a maior parte delas não foi preservada, ao contrário da *Naturalis Historia*⁹ (“História natural”) (figura 5). Considerada por alguns autores a mais antiga enciclopédia¹⁰ da Antiguidade, seus trinta e sete

⁹ Na Antiguidade, a história natural envolvia a astronomia, meteorologia, geografia, mineralogia, zoologia, botânica (MASON, 1849, p. 416). A conotação do termo *historia* na época se aproximava mais de “pesquisa” ou “investigação” e *naturalis* não se restringia apenas ao aspecto físico e “biológico”, mas ao mundo inteiro de maneira geral (HEALY, 2004)

¹⁰ Existe uma discussão entre os estudiosos que se dedicam ao assunto se essa obra poderia ser considerada uma enciclopédia ou não. Aude Doody aborda essa questão (ver Doody, 2010, Introdução, a partir da p. 4). Segundo John Healy (2004), livros que apresentavam informações acríicas já existiam no período helenístico e, na república romana, textos “enciclopédicos” já haviam sido escritos por Marcus Porcius Cato (Marco Porcio Catão ou Cato, o Velho) (234-149 A.C.) e Marcus Terentius Varro (Marco Terêncio Varrão) (116-27

livros colocam o leitor em contato com as tradições, fantasias, preconceitos e visão de mundo dos antigos romanos. Constituem uma fonte sobre a cultura romana antiga (MURPHY, 2004, p. 2).

Figura 5: Folha de rosto do primeiro tomo da *Naturalis Historiae* de Plínio, o Velho.



Fonte: Disponível em: https://it.wikipedia.org/wiki/Plinio_il_Vecchio#/media/File:Naturalishistoria.jpg

Diferentemente da maioria das obras na época, no primeiro livro, constam os assuntos tratados nos outros e a seguir, uma lista de autores em que Plínio se baseou (MASON, 1849, p. 416). A lista de referências da *História natural* inclui 473 autores diferentes, dando crédito aos escritores do passado em seu prefácio (RACKHAM, 1967, v. 1, p. 15). Entretanto, ele frequentemente incluía observações sem fundamento e lendas em seu texto (GUDGER, 1924, p. 270).

A.C.), sendo esse último um dos principais autores consultados por Plínio (SANDYS, 1911, p. 842).

De acordo com Trevor Murphy, Plínio, o Velho, se ateuve mais à tradição literária do que à observação empírica. Coletou informações e repetiu informações de antigos autores. Contudo estando a serviço do Império Romano, conheceu várias de suas partes e teve contato direto com outros povos. Ele se preocupava com a unificação do Império Romano (MURPHY, 2004, p. 10).

Os dez livros iniciais de *Naturalis Historiae*, ao que tudo indica, datam de 77 A.D. Nos anos seguintes, Plínio, provavelmente, dedicou-se a revisar o restante do manuscrito. Após sua morte em 79 A. D., o trabalho foi compilado por seu sobrinho, Plínio, o Moço, com pouca ou nenhuma revisão, o que contribuiu para os erros editoriais, repetições e contradições nela contidos (SANDYS, 1911, p. 842).

Os assuntos abordados na *História Natural* de Plínio envolvem a botânica, zoologia, astronomia, geologia, mineralogia, petrologia, dentre outros campos de estudo e permitem que se tenha uma ideia do conhecimento que se tinha sobre eles na época, bem como de suas relações com a arte, literatura e mitologia.

Plínio tratou dos animais entre os livros VIII e XI, iniciando com os mamíferos e répteis, passando pelos animais aquáticos e aves e finalizando com os insetos (HEALY, 2004). O estilo de sua obra mostra que ela não precisava ser lida sequencialmente, mas que o leitor poderia escolher os assuntos de seu interesse conforme o índice que aparece no Livro I. (MARTINS, 2006, p. 310).

Após ter apresentado essas informações mais gerais, vamos nos concentrar no Livro X da *Naturalis Historiae* em que Plínio, o Velho discutiu sobre a natureza das aves¹¹. Nesse livro, são mencionados vários autores. Dentre eles, além de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) e Teofrastos (371 a.C.-287 a.C.), estão incluídos poetas gregos como Homero, Hesíodo e Ésquilo. É possível que algumas informações tenham partido das próprias observações de Plínio, além de relatos verbais de outros autores. Contudo, sua base é

¹¹ Nesse livro, Plínio apresenta informações sobre várias aves como o abutre, falcão, corvo, coruja, pica-pau, pavão, galinha, ganso, cisne, rouxinol, pombo, dentre outras (MARTINS, 2006, p. 298), além daquelas de que estamos tratando.

principalmente o que leu e muito menos sua experiência prática (MARTINS, 2006, pp. 311-312).

Nossa tradução está focada nos três primeiros capítulos do livro X em que Plínio, o Velho tratou do avestruz, da fênix e da águia. Na descrição dessas aves, é possível perceber vários elementos relacionados ao estilo e metodologia que se encontram também em várias outras partes da obra.

Na parte específica que foi traduzida por nós, uma das fontes das informações de Plínio, foi Manílius, um senador e Homero, um poeta. São atribuídas características humanas à águia como a honra. A descrição da fênix, uma ave mitológica¹², contém algumas contradições. Essas características presentes no texto traduzido bem como em várias partes da *Naturalis Historiae* fazem com que o trabalho de Plínio se distancie bastante da metodologia de outro autor cujos estudos sobre os animais na Antiguidade foram preservados: Aristóteles (384-322 a. C.)¹³. Ao contrário de Plínio, o Velho Aristóteles se preocupava com as causas dos fenômenos e não descreveu animais fantásticos, por exemplo. Indicam também que Plínio, o Velho estava voltado principalmente para uma compilação da grande quantidade de informações que tinha à sua disposição e menos em discuti-las posicionando-se a seu respeito. Adicionalmente, refletem uma visão de mundo e um contexto bastante particulares.

Sobre a tradução

Para esta tradução, utilizamos duas edições latinas. Em primeiro lugar, o texto crítico de Karl Mayhoff (1841-1914) publicado entre 1875 e 1906, que serviu de base para as seleções de John Healy (2004) e como uma das fontes de consulta para o segundo texto base que utilizamos: a edição crítica e bilíngue de H. Rackham publicada originalmente em 1933 e revisada em 1949. Segundo Rackham (1967, v. 3, pp. vi-vii), sua tradução busca mais auxiliar o leitor a encontrar o sentido dos enunciados originais e deixa de lado considerações

¹² O interesse da cultura romana por todos os tipos de *mirabilia* (NAAS, 2011, p. 57), presente em várias partes da obra, transparece na descrição da fênix. De acordo com Valérie Naas, a *mirabilia* revelava a posse do controle das maravilhas da natureza e além disso, ampliava a grandeza do Império Romano (NAAS, 2011, p. 62).

¹³ Ver a respeito em POLLARD, 1947 e MARTINS, 2006.

quanto ao estilo. Ainda, contou com a ajuda do zoólogo John Tennant Saunders (1888-1965) para a identificação dos animais mencionados por Plínio. O dicionário digital comparativo de latim elaborado por Yves Ouvard, Philippe Verkerk e Régis Robineau, *Collatinus Web*¹⁴, foi também consultado.

Além da tradução de Rackham, outros dois textos em inglês foram utilizados no cotejo: a tradução de Philemon Holland (1601) que tem importância histórica por ter dado um “novo sopro de vida” para a obra de Plínio (HEALY, 2004), além de sua relevância para a cultura literária inglesa, ou mesmo, para a história da ciência (BELLE, 2016, pp. 71-72). Contudo, conforme Belle (2016), Holland se preocupou mais em levar o texto ao leitor, principalmente o não especializado, do que com a fidelidade ao original. Desse modo, apresentou um forte estilo inglês da época, que ele considerava ser o correto, além de interpolações, reescritas e paratextos buscando um texto mais inteligível para o inglês do início do século XVII.

Assim, Bostock e Riley (1855, v. 1, p. v), escrevem no prefácio de sua tradução: “Não é nenhum demérito para Holland como um tradutor diligente e geralmente fiel dizer que seu trabalho não seja suficiente para as necessidades do século XIX”. A versão de Bostock e Riley, embora sem a carga estilística da anterior e acrescida de notas explicativas, também não passou ilesa, já que Gudger (1924, p. 278) comenta que embora a tradução fosse boa, nenhum dos autores era zoólogo e que uma tradução que combinasse a *expertise* de um tradutor e um zoólogo ainda era inédita em língua inglesa.

Com o intuito de contribuir para um melhor entendimento do texto, introduzimos algumas notas explicativas, incluindo a correspondência entre algumas aves descritas por Plínio, o Velho e aves viventes sugeridas por alguns autores, incluindo Georges Cuvier (1769-1832).

Apesar de a *Historiae naturalis* de Plínio, como um todo ou parcialmente, ter sido traduzida do latim para vários idiomas¹⁵, não encontramos nenhuma

¹⁴ <https://outils.bibliissima.fr/fr/collatinus-web/>.

¹⁵ Por exemplo, para a língua inglesa por Holland (London, 1601); para o alemão por Denso (1764-1765) e Grosse (1781-1788, 12 livros). Além disso foi traduzida parcialmente para o alemão por Fritsch e Külb; para o italiano por Landino (Veneza, 1476), Bruccioli (Veneza, 1548) e Dominici (Veneza, 1561); para o espanhol por Huerta (Madrid, 1624-1629); para o

tradução para a língua portuguesa. Assim, esperamos, com essa pequena amostra, trazer alguma contribuição para o entendimento do modo pelo qual Plínio abordava os animais.

Tradução

Décimo livro: A natureza dos pássaros e aves

Capítulo 1: Sobre o avestruz

Agora abordaremos a natureza das aves, das quais a maior e mais parecida com as bestas terrestres é o avestruz da África ou da Etiópia¹⁶. Eles são mais altos do que um cavaleiro montado em seu cavalo e também podem ser mais rápidos, pois a natureza lhes deu asas que os ajudam na corrida. Por outro lado, não são criaturas voadoras, pois não se erguem do chão. Possuem pés¹⁷ semelhante aos do veado, pois são fendidos, com os quais lutam e agarram pedras com a finalidade atirar em seus perseguidores quando fogem¹⁸. É de sua maravilhosa natureza a capacidade de digerir qualquer coisa que devorem¹⁹. Mas também são estúpidos em igual proporção, pois, a despeito do tamanho do restante de seu corpo, quando ocultam a cabeça e o pescoço em um arbusto, pensam que estão escondidos²⁰. Seus ovos são muito apreciados

francês por Dupinet (1562), Poisinet de Sivry (1771-1782), para o holandês (Arheim, 1617) e árabe por Honain Ibn Ishak (MASON, 1849, p. 421)

¹⁶ Os termos “África” e “Etiópia” tinham significados diferentes dos atuais. África, em vez de designar todo o continente, era apenas uma das colônias romanas localizadas às margens do Mar Mediterrâneo. Já Etiópia é um termo muito antigo e amplo que poderia ser usado tanto de maneira étnica para se referir aos povos de pele preta, quanto geograficamente para se referir às regiões interiores do continente africano (DONNE, 1854, v. 1, pp. 57-60; HIRSCH; MÜLLER, 1901-6a, v. 4, pp. 394-395; HIRSCH; MÜLLER, 1901-6b, v. 5, p. 258). Contudo não deve ser confundido com o território da atual República Democrática Federal da Etiópia.

¹⁷ Plínio utilizava o termo latino *ungulae* que pode designar garras ou cascos (LEWIS & SHORT, 1879, p. 1932).

¹⁸ Conforme Bostock e Riley (1855, v. 2, p. 479), esse comportamento foi descrito pelo missionário jesuíta português Jerónimo Lobo (1595-1678) (LOBO, 1789, p. 40) não como um apedrejamento intencional, mas como resultado da velocidade da ave ao correr, fazendo com que pedras fossem atiradas para trás. Martins (2006, p. 299) concorda. Segundo Rodrigues (2008, v. 1, p. 161), outra testemunha ocular, o jesuíta espanhol Pêro Pais (1564-1622), também admitia essa explicação.

¹⁹ A crença do poder de digestão assombroso dos avestruzes foi perpetuada até o Renascimento (Martins, 2006, p. 299). Muitos séculos depois, Georges Cuvier (1769-1832) esclareceu que o avestruz não digere tudo o que come, pois observara estômagos dessa ave rompidos por pregos e cacos de vidro que haviam sido ingeridos (GRANDSAGNE, 1830, v. 7, p. 367).

²⁰ Segundo Karl Kruszelnick (2006), o mito difundido até os dias de hoje dos avestruzes ocultando apenas a cabeça para se esconder pode ter começado com Plínio nessa passagem.

devido ao tamanho, tanto que alguns os usam em suas casas como vasilhas e as penas são utilizadas como adorno para a crista e gálea²¹ dos soldados.

Capítulo 2: Sobre a fênix

Na Etiópia e nas Índias a maior parte das aves é extremamente colorida de tal modo que é difícil para o homem descrevê-las, mas a mais nobre é a fênix da Arábia, embora talvez seja apenas uma fábula. Única em todo o mundo e raramente avistada, dizem que é tão grande quanto a águia, com coloração dourada fulgurante na região da cabeça e pescoço e no restante do corpo uma coloração púrpura, com exceção da cauda que possui penas azuis entremeadas por penas rosadas. A cabeça é bravamente ornada com uma crista e o pescoço com tufo de penas²². O senador Manilius, famoso por seu conhecimento autodidata, foi o primeiro romano a descrever essa ave e ainda o fez muito cuidadosamente. Ele relatou que não há ninguém que algum dia a tenha visto se alimentar; que é sagrada na Arábia onde é dedicada ao Sol; que vive 540 anos²³; que quando envelhece constrói um ninho com ramos de Cássia ou de árvores que produzem incenso e o enche de perfumes com todo o tipo de doces especiarias para então morrer ali. Dos ossos e medula, nasce então, primeiramente, algo como um pequeno verme que depois se transforma em um pássaro diminuto e a primeira coisa que ele faz é prestar os ritos funerários a seu predecessor, levando o ninho inteiro até a cidade do Sol, próxima à *Panchaea*²⁴, onde o coloca sob um altar. Manilius também afirmou

²¹ Gálea é o capacete tipicamente romano. Em soldados de alguns níveis hierárquicos superiores, os capacetes possuíam cristas longitudinais ou transversais que eram decoradas com pelos ou penas.

²² Segundo Cuvier, esta descrição se aplica ao faisão dourado (*Chrysolophus pictus*), uma ave nativa da China. Cuvier acredita que essa pode ter sido a ave trazida até Roma a que Plínio se referiu mais tarde (GRANDSAGNE, 1830, v. 7, p. 368). Nas palavras de Cuvier: “Bastante notáveis por sua bela plumagem, seu ventre é vermelho fogo. [...]. O pescoço está coberto com uma gola laranja malhada de preto; a parte superior do dorso é verde, a parte inferior e a garupa são amarelas; asas avermelhadas com uma bela mancha azul [...]. Parece-me a descrição da Fênix de Plínio (livro. X, cap. 2) foi feita sobre esta bela ave (Cuvier, 1817, p. 445).

²³ Segundo John Bostock e H. T. Riley (1855, v. 2, p. 480), este número varia muito entre os diferentes manuscritos, indo de 40 até 560 anos. Das versões utilizadas nesta tradução, todas concordam em 540 anos com exceção de Philemon Holland que considerou 660 anos em seu texto. Ver Martins (2006, p. 302) sobre as variadas descrições acerca do tempo de vida da fênix.

²⁴ Panchaea era uma região da Arábia que produzia substâncias aromáticas. Na época, a “Arábia” se estendia até o delta do Nilo, e a “cidade do Sol” seria Heliópolis (Martins, 2006, pp. 301) Panchaea é também descrita como uma ilha supostamente localizada ao sul da península arábica (THEOI PROJECT, 2009-17). Para mais detalhes sobre o e local e de seu tratamento por Plínio, o Velho, ver por exemplo, EVANS (2003). Embora Heródoto tenha se

que a revolução do Grande Ano²⁵ coincide com a vida dessa ave e que então inicia-se um novo ciclo igual ao anterior com relação à posição das estrelas e às estações ao meio-dia da data em que o Sol adentra o signo de Áries. Ele ainda informou que durante o consulado²⁶ de Publius Licínius Crasso e Gnaeus Cornnelius faziam 215 anos desde a última revolução. Cornelius Valerianus relatou que a fênix voou até o Egito durante o consulado²⁷ de Quinto Plautinus e Sextus Papínius. A ave foi trazida à cidade de Roma durante o período de censura do Imperador Cláudius no ano 800 de Roma²⁸ e foi exposta no Comitium²⁹, conforme ficou atestado. Contudo, ninguém duvidou que fosse uma ave falsa naquela ocasião.

Capítulo 3: Sobre as águias

Dos pássaros conhecidos, as águias são as mais honradas e fortes. Seis são seus tipos: *Meloenaetos* como dizem os gregos ou *Valeria* em latim, também conhecida como águia-das-lebres³⁰, é a menor em tamanho, mas é muito forte e sua cor é preta. É a única dentre as águias que alimenta seus filhotes, as outras, devemos dizer, os afugentam. Também é a única que não grita ou murmura. Habita as montanhas; O segundo tipo é o *Pygargus*, que vive nas cidades e planícies e possui cauda branca. O terceiro [tipo] é o *Morphnos*, que Homero chama de *Perenos* e outros de *Plangus* ou *Anataria*, que é a segunda em tamanho e força. Vive próximo aos lagos. Phoemonae³¹, supostamente filha de

referido à fênix na sua *Historia*, livro 2, cap. 2, não se trata de uma lenda de origem grega, pois pode ser relacionada ao mito egípcio do pássaro *bennu*, símbolo deus Sol (HARRISON, 1960, p. 173; MARTINS, 2006, p. 301).

²⁵ O “grande ano”, “ano perfeito” ou “ano platônico” é um período definido pelo retorno dos corpos celestes ao início do ponto onde começaram seus movimentos, completando uma revolução. O tempo necessário para isso variava muito entre diferentes pensadores e culturas. É associado com o princípio místico do eterno retorno e com a morte e renascimento do mundo (VAN DER WAERDEN, 1978, p. 360). O mesmo termo é usado hoje para designar a volta completa do eixo terrestre em aproximadamente 26000 anos devido a precessão dos equinócios.

²⁶ 97 a.C.

²⁷ 36 A.D.

²⁸ Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus (10 a.C.-54 A.D.) foi imperador de Roma de 41 a 54 A.D.

²⁹ O *Comitium* era o espaço de encontro público localizado no Fórum Romano onde eram realizadas atividades jurídicas e políticas.

³⁰ Aqui há uma variação nas fontes: em Mayhoff (1875-1906, v. 2, p. 160) encontramos *eadem in Valeria*, mas em Rackham (1967, v3, p. 296), *eadem leporaria*. Ambos reconhecem essa questão em seus aparatos, de modo que preferimos unificar as variantes nesta tradução.

³¹ Sobre Phemonae conta-se que, além de filha do deus Apolo, era poetisa e a primeira pitonisa do templo de Apolo na cidade de Delfos.

Apolo, afirmou que ela possui dentes, mas não voz ou língua. É a mais escura das águias e a com a cauda mais longa. Boethus concorda com ela. Ela tem o hábito de pegar tartarugas e deixá-las cair do alto para quebrar seu casco. Foi assim que morreu o poeta Ésquilo. Sua morte por meio da queda de um objeto já havia sido prevista por adivinhos e, tentando escapar dela, ele confiou seu destino ao céu aberto. O quarto tipo é o *Percnopterus*, também conhecido como *Oripelargus*, de aparência semelhante a um abutre e com asas pequenas, mas com o restante do corpo maior. Contudo, é muito covarde e degenerada, de modo que um corvo pode afugentá-la. São sempre mesquinhas e vorazes fazendo continuamente barulhos lamuriosos. É a única águia que carrega a carcaça de suas presas, enquanto as outras se alimentam no mesmo local que as matam. A seguinte constitui o quinto tipo, chamada em grego de *Gnesios*³², é tida como a águia genuína e a única de linhagem pura. Tem tamanho médio, coloração avermelhada e é raramente vista. O último tipo é a *Haliartos*, com os olhos mais claros e aguçados entre as águias ela sobrevoa o mar sobre uma grande altura e quando vê um peixe mergulha em sua direção, dissipa a força d'água com o peito e captura sua presa.

O terceiro tipo descrito caça aves aquáticas ao redor de corpos que vivem na água que tentam fugir mergulhando, mas assim que ficam cansados e sonolentos ela os predadora. É um duelo que vale a pena ser visto: a ave busca refúgio na margem, especialmente se houver uma densa vegetação, a águia então a espanta com o bater das asas e entra na água. A outra ave nadando abaixo e vendo a sombra da águia na margem desvia e retorna à superfície em um lugar onde pensa que está sendo menos esperada. É por isso que essas aves nadam em bando, quando são muitas raramente são incomodadas, pois o bater de suas asas e os espirros d'água cegam seus predadores. É comum que as águias não consigam aguentar o peso de suas presas e se afoguem com elas. A *Haliartos* apenas acoisa seus filhotes para obrigá-los a olhar para os raios do Sol. Se ela percebe que algum deles pisca ou que seus olhos umedecem o joga para fora do ninho acreditando ser ilegítimo e degenerado e cria apenas aqueles que mantêm o olhar fixo. *Haliartos* não é considerado um tipo, pois são geradas a partir do cruzamento entre outras águias, entretanto sua prole pertence ao

³² “Verdadeiro”, ou seja, “águia verdadeira”.

tipo *Ossifraga* que dá origem aos abutres menores que, por sua vez, dão origem aos abutres maiores que nunca se reproduzem. Alguns ainda incluem um sétimo tipo de águia, que chamam de *Barbatae*, e os toscanos chamam de *Ossifraga*³³.

Dos seis tipos mencionados anteriormente, os três primeiros e o quinto, têm em seu ninho uma pedra chamada *Aeëtites*³⁴, que alguns chamam de *Gagates*, que é aí engendrada. Essa pedra é medicinal e particularmente boa, para [curar] muitas doenças: e se for colocada no fogo, nunca será consumida. Agora, essa pedra (como eles dizem), tem também uma outra [dentro dela]. Pois se um homem a sacode, ele deve ouvir outra em seu interior chacoalhando e produzindo um som, como se estivesse em seu ventre ou útero. Mas a virtude medicinal mencionada acima, não permanece nessas pedras, se elas não forem roubadas do próprio ninho. Por isso elas [as águias], fazem seus ninhos sobre as rochas e árvores. São comumente postos três ovos, embora elas costumem chocar apenas dois. No entanto, algumas vezes elas foram vistas com três filhotes, mas raramente uma delas abandona o ninho, porque elas não se incomodam em alimentá-los e nutri-los. E na verdade, a Natureza providenciou muito bem para que em um certo tempo, as velhas águias não sejam capazes de se alimentar. Caso contrário, se deversem criar

³³ Grandsagne comentou sobre as dificuldades mencionadas por Cuvier no século XIX, portanto, muito mais tarde, em identificar as aves. No caso das águias Cuvier (figura 6) considerava que apenas recentemente tinha sido possível elucidar a história das espécies de águias e reconhecer as mudanças de cor que elas sofrem ao longo da vida (GRANDSAGNE, 1830, v. 7, pp. 368-369). A partir do texto de Plínio, Cuvier relacionou o *melanaetos* a uma fêmea adulta de águia-gritadeira (*Clanga clanga*); o *pygargus* a uma águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), o *morphnos* também seria uma águia-gritadeira, o *percnopterus* a uma águia-careca (*Haliaeetus leucocephalus*), o *gnesios* ou águia verdadeira a uma águia-real (*Aquila chrysaetos*) e o *haliaetus* a uma águia-rabalva (*Haliaeetus albicilla*).” *Ossifraga* corresponderia ao abutre-barbudo (*Gypaetus barbatus*) (GRANDSAGNE, 1830, v. 7, pp. 369-72). Rackham e seu consultor em zoologia J. T. Saunders, também com certa dificuldade, procuraram identificar aves a que Plínio, o Velho se referiu do seguinte modo: *melanaetos* como águia-real (*Aquila heliaca*; *A. adalberti*); *pygargus* como águia-rabalva; *morphnos* como águia-sapeira (*Circus aeruginosus*); *haliaetus* como águia-pescadora (*Pandion haliaetus*); e *ossifraga* como abutre-barbudo. Contudo, não fizeram a distinção entre *percnopterus* e *gnesios* e as outras espécies (RACKHAM, 1967, v. 3, pp. 294-298). Para Pollard (1947, pp. 25-28), as descrições do *percnopterus*, *ossifraga* e *morphnos* compartilham características do abutre-barbudo. Philemon Holland (1601, l. x, c. 3) identificou em sua tradução o *melanaetos* como falcão-sacre (*Falco cherrug*), o *pygargus* apenas como um tipo de falcão; e o *haliaetus* como águia-pescadora. Para mais detalhes a respeito do assunto ver Desfayes (1999) e Arnott (2007), por exemplo. Para outras alternativas de tradução para o português em alguns casos ver Martins (2006).

³⁴ Pedanius Dioscorides (40-90 A.D.) em sua obra *De materia medica* se referiu a essa pedra como protetora do feto e também para o tratamento da epilepsia. Plínio, o Velho na *Naturalis Historiae* se referiu a ela como anti-abortiva. Se fosse colocada junto ao corpo de uma mulher grávida ou gado, evitava o aborto (Plínio, o Velho, livro VI, capítulo 39)

seus filhos, eles seriam suficientes para destruir os veados jovens e feras selvagens do país inteiro. Assim, não haveria nem veado, nem caça para os cavalheiros. Além disso, pela mesma providência da Natureza, enquanto os artelhos ou garras [das águias] se curvam e se voltam muito para dentro, também por estarem muito famintas, suas penas ficam cinza e brancas, de modo que há boas razões para não serem capazes de prover seus filhotes. Entretanto, elas têm seus próprios territórios e caminhos e fora desses limites e caçadas usuais, elas não saqueiam. Quando se apoderam de alguma presa, elas não a levam imediatamente, mas a deitam, examinam e apalpam [para ver] seu peso e depois voam com ela, mas não antes.

Eles não morrem devido à idade ou a qualquer doença, mas de inanição, porque a parte superior de seu bico cresce e ele se volta para dentro de tal modo, que elas não conseguem abri-lo para se alimentar. Seus hábitos são ordinariamente voar e buscar suas presas depois do meio-dia. Antes, elas permanecem empoleirados, ociosas e sem fazer nada, esperando o momento em que os homens não estejam se movendo no exterior, mas em mercados das cidades e vilas, ou ocupados com seus assuntos civis. As penas ou plumas de águias deixadas entre as de outras aves, irão devorá-las e consumi-las. Os homens dizem que, entre todas as aves voadoras, apenas a águia não é ferida e nem morta por um raio: então, o povo costuma dizer que ela serve a Júpiter como um escudeiro.

Figura 6: Pt. IV. Pássaros. **Fonte:** CUVIER, Georges. **Le règne animal distribué d'après son organisation: pour servir de base a l'histoire naturelle des animaux et d'introduction a l'anatomie comparée.** Paris: Deterville, 1817. Ver nota de rodapé 31.



Referências

ARISTOTLE. **Aristotle's history of animals.** Trad. Richard Cresswell. Londres: George Bell & Sons, 1887. Disponível em: <<https://gutenberg.org/files/59058/59058-h/59058-h.htm>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

ARNOTT, W. Geoffrey. **Birds in the Ancient world from A to Z.** Londres: Routledge, 2007. Disponível em: <https://www.cepam.cnrs.fr/sites/zoomathia/wp-content/uploads/sites/6/2014/03/zarnott_birds_ancient_world_2007.pdf> Acesso em: 21 nov, 2021.

BELLE, Marie Alice. "Mysteries divulged": Philemon Holland's Paratexts and the Translation of Pliny's Natural History in Early Modern England. **Meta: Journal Des Traducteurs/Meta: Translators' Journal**, v. 61, p. 70-86, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/1038686ar>> Acesso em: 21 nov, 2021.

BOSTOCK, John; RILEY, Henry T. (ed.). **The natural history of Pliny.** vol.1. Londres: Henry G. Bohn, 1855. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/36497#page/9/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

BOSTOCK, John; RILEY, Henry T. (ed.). **The natural history of Pliny.** vol.2. Londres: Henry G. Bohn, 1855. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/38170#page/7/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

BOSTOCK, John; RILEY, Henry T. (ed.). **The natural history of Pliny.** vol.3. Londres: Henry G. Bohn, 1855. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/35713#page/7/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

BOSTOCK, John; RILEY, Henry T. (ed.). **The natural history of Pliny.** vol.4. Londres: Henry G. Bohn, 1856. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/57766#page/5/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

BOSTOCK, John; RILEY, Henry T. (ed.). **The natural history of Pliny.** vol.5. Londres: Henry G. Bohn, 1856. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/57767#page/5/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

BOSTOCK, John; RILEY, Henry T. (ed.). **The natural history of Pliny.** vol.6. Londres: Henry G. Bohn, 1857. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/34003#page/7/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

CUVIER, Georges. Pline et son *Histoire naturelle*. Pp: 445-459, *in*: Pietsch, Theodore W. (ed.) **Cuvier's history of the natural sciences: twenty-four lessons from Antiquity to the Renaissance.** Paris: Publications scientifiques du Muséum, 2012. Disponível em: <<https://books.openedition.org/mnhn/3790>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

CUVIER, Georges. **Le règne animal distribué d'après son organisation: pour servir de base a l'histoire naturelle des animaux et d'introduction a l'anatomie comparée.** T. 1. Paris: Déterville, 1817. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/18030#page/7/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

DESFAYES, Michel. **A Thesaurus of Bird Names - Etymology of European lexis through paradigms.** Sion: Musée Cantonal d'Histoire Naturelle, 1999. 2 v. CD-ROM. Disponível em: <<https://ewatlas.net/desfayes/intro/anglais/page2.php#>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

DONNE, William Bodham. Aethiopia. Pp. 57-60, *in*: SMITH, William (ed.). *A dictionary of Greek and Roman geography.* Boston: Little, Brown, and Company, v. 1, 1854. Disponível em: <<https://archive.org/details/dictionarygreek16smitgoog/page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

DOODY, Aude. **Pliny's Encyclopedia: The reception of the Natural History.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

EVANS, Rhiannon. Searching for Paradise: Landscape, utopia, and Rome. **Arethusa**, v. 36, n. 3, p. 285-307, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1353/are.2003.0022>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

GRANDSAGNE, Ajasson de (ed.). **Histoire naturelle de Pline.** T. 7. Paris: C. F. L. Panckoucke, 1830. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/55793#page/7/mode/1up>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

GRMEK, Miko D. Les circonstances de la mort de Pline: Commentaire medical d' une lettre destinée aux historiens. Pp: 25-44, *in*: Pigeaud, Jackie; Oros, José (eds). **Pline l'Ancien. Témoin de son temps.** Nantes: Salamaca, 1987.

GUDGER, Eugene W. Pliny's *Historia naturalis*. The Most Popular Natural History Ever Published. **Isis**, v. 6, n. 3, p. 269-281, 1924. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/358236>>. Acesso em: 10 nov, 2021.

HEALY, John. Introduction. Pp: 10-38, *in*: HEALY, John (ed.). **Natural history: a selection.** London: Penguin Classics, 2004. E-book.

HIRSCH, Emil G.; MÜLLER, W. Max. Ethiopia. Pp: 258, *in*: SINGER, Isidore (ed.). **The Jewish encyclopedia: a descriptive record of the history, religion, literature, and customs of the Jewish people from the earliest times to the present day.** v. 5, New York and London: Funk and Wagnall Company, 1901-6a. Disponível em: <<https://jewishencyclopedia.com/articles/5890-ethiopia>> Acesso em: 21 nov, 2021.

HIRSCH, Emil G.; MÜLLER, W. Max. Ethiopia. Pp. 394-395, *in*: SINGER, Isidore (ed.). **The Jewish encyclopedia: a descriptive record of the history, religion, literature, and customs of the Jewish people from the earliest times to the present day.** v. 4, New York and London: Funk and Wagnall Company, 1901-6b. Disponível em: <<https://jewishencyclopedia.com/articles/4815-cush>> Acesso em: 21 nov, 2021.

HOLLAND, Philemon (ed.). **The Historie of the World: Commonly called, The Naturall Historie of C. Plinius Secundus.** 2 v. London: Adam Islip, 1601. Disponível em: <<http://penelope.uchicago.edu/holland/index.html>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

LEWIS, Charlton Thomas; SHORT, Charles. **A Latin dictionary: founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary.** Oxford: Clarendon Press, 1879. Disponível em: <<https://archive.org/details/latindictionaryf00lewi/mode/2up>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

LOBO, Jerónimo. **A Voyage to Abyssinia.** Trad. do francês para o inglês por Samuel Johnson. London: Elliot e Kay, 1789. Disponível em: <<https://archive.org/details/avoyagetoabyssi00johngoog/page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

MARTINS, Roberto de A. Descrições de aves: uma comparação entre Aristóteles e Plínio, o Velho. **Filosofia e História da Biologia**, v. 1, n. 1, p. 297-323, 2006. Disponível em: <<https://www.abfhib.org/FHB/FHB-01/FHB-v01-18-Roberto-Martins.pdf>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

MASON, Charles Peter. C. Plinius Secundus. Pp. 414-421, *in*: SMITH, William (ed.). **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**. Vol. 3. London: J Taylor Walton, and Maberly/John Murray, 1849.

NAAS, Valérie. Imperialism, Mirabilia and Knowledge: some Paradoxes in *the Naturalis Historia*, Pp. 57-70, *in*: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth. **Pliny the Elder: Themes and Contexts**. Leyden/Boston: Brill, 2011.

PLINI SECUNDI, Caius. **Naturalis hidtoriae**. Libri XXXI-XXXVII. MAYHOFF, Karl F. T. (Ed.). Leipzig: Teubner, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/bub_gb_eP3zhUhrTgC>. Acesso em: 13/12/2021.

POLLARD, J. R. T. The Lammergeyer: comparative descriptions in Aristotle and Pliny. **Greece and Rome**, v. 16, n. 46, p. 23-28, 1947.

RACKHAM, H. (ed.) **Pliny: natural history**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1967.

RETIEF, Francois P.; CILLIERS, Louise. The Eruption of Vesuvius in AD 79 and the Death of Gaius Plinius Secundus. **Acta Theologica**, v. 26, n. 2, *Supplementum* 7, p. 107-114, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.4314/actat.v26i2.52566>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

RODRIGUES, Armanda P. F. M. M. **Cousas do Preste: da verdadeira informação à História de Etiópia, visões da Etiópia em Francisco Álvares e Pêro Pais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares) – Universidade Aberta de Portugal, Lisboa, 2008. 2v. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1333>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

SANDYS, John Edwin. Pliny, the elder. Pp. 841-844, *in*: CHISHOLM, Hugh (ed.). **Encyclopedia Britannica**. 11 ed. v. 21, Cambridge: Cambridge University Press, 1911. Disponível em: <https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Pliny_the_Elder>. Acesso em: 21 nov, 2021.

SHERWIN-WHITE, Adrian Nicholas. **The Letters of Pliny**. Oxford: Oxford University Press, 1966.

THEOI PROJECT. *Panchaea (Pankhaia)*. 2009-17. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Phylos/Pankhaia.html>>. Acesso em: 21 nov, 2021.

VAN DER WAERDEN, B. L. The Great Year in Greek, Persian and Hindu astronomy. **Archive for History of Exact Sciences**, v. 18, n. 4, p. 359-383, 1978. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41133513>> Acesso em: 21 nov, 2021.

ZIRKLE, Conway. The Death of Gaius Plinius Secundus (23-79 A.D.). *Isis*, v. 58, n. 4, p. 553-559, 1967. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/228428>>. Acesso em: 21 nov, 2021.